

ct

Carolina, ou a doma de um leopardo

de
Eva Hibernia

tradução
Kelly Lua

revisão e posfácio
Raffaella Fernandez

(fragmento en portugués)

Dedicada a Carolina Maria de Jesus, em gratidão por sua fé na palavra e pelo seu exemplo de empoderamento e inspiração. Dedicada também a Kelly Lua, por apresentar-me a sua compatriota e ser cúmplice de este trabalho.

Personagens: Carolina María de Jesus e Clotilde, galinha.

I- CAROLINA MARIA DE JESUS, o último dia.

Irá soando, a cada vez que se indique, a campainha de um teatro; são as clássicas três chamadas para os atores antes de sair em cena. Este som irá transformando-se a em harmonia com a progressão do monólogo, segundo o critério da posta em cena. A morte, maestrina de Clotilde, é quem esta chamando.

Entra em cena Carolina Maria de Jesus, carregando lixo que recolheu. Em casa esperá-lhe sua galinha. Clotilde.

CAROLINA

Clotilde! Clotilde querida! (suspira) aaaai! (se queixa tocando uma parte de seu corpo) aiii! Espera um momento Clotilde, agora eu vou. Tenho que sentar para descascar um bocadinho. Passei toda a manha de lá pra cá. E já são 63 anos, tudo me dói, claro, são muitos, dói por aqui, dói por ali. (Toma café. Canta) É triste a condição do pobre na terra, é triste a condição do pobre na terra, rico quer guerra, pobre vai na guerra, rico quer paz, pobre vive em paz, rico vai na frente, pobre vai atrás, rico vai na frente, pobre vai atrás. Você gosta da minha música, Clotilde? Eu gravei um disco, isso nunca te contei, né? (canta) rico faz a guerra pobre não sabe porque, rico faz a guerra pobre não sabe porque, pobre vai na guerra tem que morrer, pobre vai na guerra tem que morrer. Você ia gostar do meu disco. Faz tempo que não canto. Você também já não vai cantar muito. Mais que bom que você fez o seu trabalho! Treze anos fazendo muito bem seu papel de galinha. Sempre podia contar com você, inclusive quando você parou de botar ovo, você era a única que eu podia confiar. Você sempre aqui comigo, do meu lado (expectante). E agora? (Pausa breve) Contar, contar, eu já não conto nada, tem alguém chamando, Clotilde? (expectante). É verdade, ninguém chamou. Eu já não conto para ninguém. Eu gostaria que voltasse a aparecer o Audálio, que me chamasse lá na porta, oh de casa!!

Alguém chamou? (expectante). Não, ninguém conta comigo. Sou como porcaria quebrada. A poeta quebrada. Mais pra mim a poesia não quebrou. Só que eu não falo o que esperam escutar. Entao, pro lixo!

Tudo começa com o lixo, lembra disso Clotilde, é assim que o Deus dos pobre cria o mundo dos pobre. No princípio foi o lixo. E lá estava eu, no meio de toda aquela magnificência: Televisões quebradas, latas, papel higiênico, garrafas, carne podre, ferro-velho, papelão. Entao Audálio veio a mim, senhora, o que você está buscando?(a galinha pia) Papel? (galinha pia) papel em branco? (galinha pia), mas o papel não se come, o papel não abriga, o papel rasga-se facilmente, o papel para revender não vale nada, então pra que você perde tempo com o papel, senhora? (galinha pia). Isso mesmo que eu respondi Clo, pra mim o papel é ouro, porque sobre o papel eu escrevo. O Audálio arregalo os olho como duas jabuticabas, era muito jovem o Audálio, ele era bom, sabia se surpreender. Uma favelada que escreve! Eu sou a coisa nunca vista, Clotilde, a preta pobre e semianalfabeta que se agarra às palavras e põe elas para que perdurem. Sou um fenômeno colorindo a capa dos jornais. (a galinha pia) um fenômeno sim, como a mulher de três cabeças no circo. Primeiro dou assombro, depois dou medo, depois dão risada. Enquanto eu dou assombro vai tudo bem, Clotilde.

Audálio se assombra e eu mostro os meus diários para que ele veja que eu sou verdade, que todos os dias eu me conto a mim e as coisas da favela, eu conto para mim porque para ninguém mais eu

conto, só pros meus filhos porque têm fome e gritam: comida mamãe! comida mamãe! comida mamãe! Quando meus filhos vêem a comida bradam, viva a mamãe! mais o espetáculo dura pouco porque a comida acaba e outra vez voltam a ter fome. Meus filhos estão sempre gritando porque tem fome! e os bêbados sempre gritando porque tem o demônio no corpo e as mulheres da fila da água sempre gritando. Você viu a barriga da dona Binidita como está crescendo? Com quem a dona Binidita furunfo pra crescer a barriga assim? Esta velha com 82, não vai crescer a barriga! Claro que sim, a bruxa furunfo e agora tá de sete meses! Este é o fim do mundo! Será o filho do demônio! Vamos ter que levar roupinha pro filho do demônio. E a dona Binidita também grita quando levam as roupinhas pra ela, raparigas desgraçadas! A fome fez um buraco no cérebro de vocês! Não vêem que eu sou mãe que já saiu de circulação, então como vou ter um filho, loucas? Todos gritam na favela, e os gritos se os gritos se misturam com o lixo, porque tudo é lixo, minha mãe pariu um filhinho que já era lixo, não só morto, podre, a carne dele se desfazia e era fedido, e todo o mundo se benzia e gritava dizendo que nunca tinha visto algo assim, então eu escrevo, para que deixem de gritar na minha cabeça deixo que eles gritem no papel, que sigam vivendo no papel, com todo seus gritos, sem exagerações. Essa mãe que grita porque seu filho encontrou um pedaço de carne podre e comeu e o menino se lombrigou, grita o justo, o que deixa a fome, não é como no teatro que a atriz tem força porque comeu e grita demais, chora bonito e faz chorar bonito, eu não escrevo sobre a fome, escrevo na fome. E isso é muito diferente. Disso o Audálio gosta, é justo o que ele necessitava porque encargaram ele pra fazer uma reportagem sobre agente, os da favela, pra que contar ele si eu posso contar muito melhor?

Eu tenho as palavras semianalfabetas que nascem desalinhas. São palavras do lixo, por isso as vezes as frases estão quebradas, falta algo nelas, uma outra palavra para que tudo seja com laço, bonito, ou a palavra tem uma corcunda ou tem mais patas que uma centopeia ou o verbo tem o tempo machucado, não tem passado, nem presente, nem futuro, tempo machucado que é o tempo do lixão. Tempo do esgoto, do barra, da lama, tempo do Deus dos pobres onde vivem os pobres. Mas assim mesmo eu sou escritora, Clo, sou mãe das minhas palavras, Clo, dizem nos jornais que dou assombro no mundo. O povo pergunta, mais como pode ser que essa negra com só dois anos de estudo e um buraco no cérebro pode colocar uma palavra atrás da outr? Eu não tenho um buraco no cérebro, Clo, eu tenho na barriga! Toda a vida é um buraco na barriga, só que quando eu não tenho o que comer em veis de xingar, eu escrevo. As pessoas, quando estão nervosas porque têm fome e não tem o que comer, xinga ou pensa na morte como solução. Mais eu escrevia no meu diário. E me fizeram muitas fotos e vieram os repórteres escutar eu ler os fragmentos do meu diário, enquanto eu lia minha barriga roncava. Não desmaia não barriga! eu pensava. Mais eu não queria desmaiar, eu queria ler meu diário pra todo aquele povo. Agora eu sinto que também vou desmaiar. Mais eu não tenho fome. Ou eu tenho fome? agente pode deixar de ter fome quando nasce na fome? A fome é uma filosofia, Clo? A fome é o patrão branco, Clo, é a nossa nova escravidão.

(...)